



Arabia. — O monte Sinai e o mosteiro de Santa Catharina

Entre os pontos mais notaveis da Palestina e da Arabia, escolhemos de preferencia os que tem sido menos explorados, e de que, talvez, os nossos leitores terão menos conhecimento, e taes são o monte Sinai, situado quasi na extremidade do isthmo que se estende pelo mar Rocho, e o mosteiro de Santa Catharina.

No segundo plano da gravura vê-se o mosteiro e logo em seguida uma dupla montanha, na qual é preciso distinguir o *Sinai* do *Horeb* ao cimo do qual elle se eleva. O convento é cercado por muitos montes de aspecto magestoso, e proximo d'elle está a planicie onde o povo de Israel havia assentado as suas tendas.

O convento não tem mais que uma grande porta, murada desde muito tempo por causa dos arabes, e as pessoas que quizerem entrar tem de ser içadas pelos monges, por meio de uma corda, até uma janella praticada na frente da muralha, a trinta pés de altura.

A janella e a corda dão alguma cousa de grave e solemne ao mosteiro.

Quando se entra no convento fica-se surprehendido da limpeza e ordem que ali reina e do ar de satisfação e de santidade que se divisa nos semblantes dos cenobitas. Este risonho quadro contrasta com o aspecto miseravel do deserto e a physionomia selvagem dos habitantes da Arabia, mas quantas inquietações tem perturbado, muitas vezes, o repouso do convento e annuviado as fronte habitualmente serenas dos monges!?

Ninguem espera encontrar n'este lugar assás selvagem um templo tão curioso, merecendo a egreja de Santa Catharina uma particular atten-

ção pelo seu estylo e decorações, e, sobretudo, pelo bello mosaico de que é ornado.

Um viajante, que visitou o Sinai, querendo subir ao cimo do monte não teve um unico monge que quizesse acompanhal-o, tanto era o medo que tinham dos arabes, e apenas um dos ser-ventuarios, porque era arabe, se prestou a acompanhal-o e a levar-lhe provisões.

O monte *Horeb* fórma um bico a partir do qual se eleva o Sinai, e para subir a este monte é preciso seguir um barranco onde os monges outr'ora haviam collocado uma escada de grandes dalas muito regulares; mas a falta de cuidado e as tempestades arruinaram-n'a. Um pouco antes de attingir a base do Sinai, ao terminar o monte *Horeb*, ha uma porta em fórma de arcada, sobre a qual está uma cruz. Um costume tocante impunha d'antes aos viajantes o dever de não passar aquella porta antes de estar absolvido das suas culpas, confessando-se a um dos cenobitas, que, cada um por sua vez, vão orar áquella estacção.

Duas construcções dominam o Sinai: a capella do convento e uma mesquita. Estes edificios estão em ruinas, e muitos viajantes ali tem inscripto os seus nomes, acompanhados de piedosas sentenças.

Do alto d'este monte sagrado a vista domina todo o mar Rocho e as montanhas da Africa.

Descendo o barranco que separa o Sinai do convento de Santa Catharina, vê-se a pedra de que Moyses, por ordem do Senhor, fez brotar a agua que devia saciar a sede aos viajantes.

## O PRINCIPE EUGENIO DE BEAUHARNAIS

e as Memórias que lhe são relativas.

.... ab auditione mala non timebit.

Ps. CXI 7.

## II

Foi no 17 de Outubro de 1797 que se effectuou a assignatura do famoso *Tratado de Campo-Formio*, entre o General Bonaparte, pela França, e M. de Cobentzel, pela Austria.

Aquelle tratado de paz, que ficou assignalado na historia diplomática debaixo da denominação de Campo-Formio, foi verdadeiramente redigido e assignado em Passeriano. Em todo o caso, as duas pequenas povoações, do reino Lombardo-Veneziano, estão a curta distancia uma da outra; e o essencial é sabêr-se o que se estipulou entre os plenipotenciários. O imperador da Austria cedía á França a Belgica; renunciava á Lombardia a favor da república Cisalpina, comprehendendo também as provincias de Bergamo, Creme, Brescia, Mantua, Modena, Bolonha, Ferrara e Romania. A França abandonava á Austria Veneza, a Istria, a Dalmacia, e todo o territorio Veneziano para alem do Adige. A França guardava para si Corfú e as Ilhas Jonias. Havia de reunir-se em Rastadt um congresso para tratar da paz entre a França e o Imperio Germanico; e o Imperador obrigava-se, por uma convenção secreta, a empregar todos os esforços para que a França obtivesse a linha do Reno (1).

Não é este o lugar proprio para lastimar que o General Bonaparte tratasse tão desapiedadamente a velha República de Veneza, sacrificando-a á Austria. Felizmente Veneza é hoje independente da Austria, é hoje Italiana, graças á alliança da Italia com a Prussia....

O que só pretendemos, no que fica apontado, é preparar os leitores para ouvirem o que o Principe Eugénio refere a proposito d'aquelle Tratado.

Depois de assignado e ratificado o Tratado de Campo-Formio, foi Eugénio incumbido de o ir communicar ao Governo das Ilhas Jonias, visto como reconhecia aquelle Tratado a independencia dellas, com a designação de — *República das Sete Ilhas*. A missão confiada a Eugénio era summamente agradável, e proporcionou-lhe occasião de gosar divertimentos que tanto quadravam á sua idade. As auctoridades municipaes de Corfú, satisfeitas pelo facto do reconhecimento da independencia das Ilhas, affiançada pelo Tratado, de que Eugénio era portador, decidiram offerecer ao estimavel Emissario uma espada, com uma inscripção allusiva á prazenteira mensagem; mas Eugénio demorou-se em Corfú apenas quinze dias, e o projecto não pôde realisar-se.

N'esse tão curto espaço de residencia em Corfú, que aliás Eugénio aproveitou grandemente para se divertir, succedeu-lhe uma aventura, que esteve quasi a ponto de se lhe tornar funesta. Eugénio estava hospedado em casa do Governador, e, como era natural na sua idade, procurava os divertimentos, e frequentava pontual os saráos e companhias. Uma noute, em que elle estava ainda no saráo do Governador, tres homens de

fêia catadura, munidos de chaves falsas, abríram os quartos que Eugénio habitava. Os bandidos, armados de punhães, entráram no quarto do creado particular de Eugénio; não se importáram com o creado, que aliás se conservou immovel na cama, e passáram ao quarto immediato, onde Eugénio costumava dormir; mas, ao vêrem que ninguem estava allí, retiráram-se sem proferir uma só palavra. Quando Eugénio voltou do saráo, contou-lhe o creado, que ainda estava repassado de susto, a temerosa visita que tivéra. O Governador explicou depois a Eugénio que aquelle facto não era outra cousa, senão uma vingança premeditada contra um official francez que havia occupado aquelle quarto antecedentemente.

De Corfú passou Eugénio a Napoles, e d'alli a Roma, onde era então embaixador José Bonaparte.

Occorreu por esse tempo na capital do orbe cathólico uma sublevação singular; e foi o caso, que o povo de Roma pretendeu restabelecer a República antiga, esperançado em que o Governo Francez, apoiando uma tal mudança politica, visto como o General Duphot, republicano exaltado, parecia inclinar-se áquella resolução — louca e desassisada. Mas o Governo Pontificio estava alerta; e quando o povo se sublevou, na noute de 27 de Dezembro de 1797, encontrou logo a resistencia de um piquete de cavalleria, que vivamente carregou sobre elle, acutilando tudo quanto encontrava, e ferindo umas quarenta pessoas. A multidão, assim acossada, buscou refúgio no páteo da Embaixada de França, justamente á hora em que todos os officiaes francezes, que então havia em Roma, estavam dentro para assistirem a um jantar. O General Duphot, muito fogoso de seu natural, vendo n'esta irrupção do povo um insulto ao Governo da sua nação, arrancou da espada, convidou os outros officiaes a fazêrem o mesmo, e cahio como um ráio sobre a multidão. Mas a Infanteria Pontificia, vendo chegar ao pé de si os officiaes francezes com as espadas em punho, apressou-se a dar uma descarga, de que infelizmente foi victima o General Duphot, e resultou também o ficarem feridas umas vinte e tantas pessoas que vinham atraz.

Do numero dos Officiaes francezes que arrancáram das espadas era também Eugénio; e até o Embaixador os acompanhára; como, porém, este ultimo visse que não era possivel fazer-se entender no meio d'aquella confusão, retirou-se com os officiaes para o palácio, onde tratou de se intrincheirar. Felizmente as portas do palacio fóram respeitadas; e o Embaixador pediu nessa mesma noute os passaportes, e sahio de Roma ante manhã.

Eugénio conta, como uma particularidade notavel, que naquella noute, quando diligenciava reprimir alguns republicanos exaltados que se haviam refugiado no palácio, acertára de dar por vezes algumas pranchadas em um tal *Cerachi* (o mais encarniçado daquelles miseraveis), que mais tarde foi guilhotinado por ter attentado contra a vida do Primeiro Consul.

Eugénio acompanhou José Bonaparte a París, e allí se demorou por algum tempo, até que recebeu ordem de partir para Toulon.

Tratava-se de nada menos que da famosa expedição do Egypto!

Registrarêmos, pois algumas das impressões que

(1) Vêja *Histoire de Napoléon 1<sup>er</sup>*, par P. Lanfrey. Allí se encontra uma critica severa do Tratado de Campo-Formio, em razão do sacrificio de Veneza á Austria

Eugénio recolheu nas peripécias diversas daquelle acontecimento memoravel.

O General Bonaparte chegou a Toulon no dia 9 de Maio de 1798; oito dias depois estava Eugénio a bordo da *Não Oriente*, de 120 peças; e no dia 20 deu toda a esquadra á vela.

Eugénio recórda-se de que apresentava uma perspectiva grandiosa o espectáculo de mais de quatrocentas vellas, protegidas por trinta náos de linha, ou fragatas, na occasião em que se afastavam das praias da França, para irem em demanda da glória, expondo-se ás eventualidades de uma expedição longinqua, de que áquelle tempo se ignorava ainda o objecto!

Passados quinze dias avistaram Malta, e no dia seguinte desembarcaram em dous pontos da Ilha, ao mesmo tempo que se operava outro desembarque na Ilha de Gozo.

Na manhã do dia 11 de Junho foi Eugénio levar ordens ao General Desaix, e de tarde a Marmont; e na occasião em que estava com este ultimo, fez a guarnição uma sortida, a qual foi rechaçada com perda, tomando-se-lhe cinco bandeiras,—uma das quaes coube a Eugénio arrancar das mãos dos inimigos. Depois da escaramúça foi Eugénio encarregado de ir apresentar as cinco bandeiras ao General Bonaparte, que estava a bordo do *Oriente*.

No dia seguinte entablaram-se negociações com a guarnição, e no dia 13 entraram os Franceses na Praça.

Quando o General Bonaparte foi visitar as fortificações, disse-lhe o General de Engenharia Dufalga, em tom de gracejo—que lhe dava o parabem de ter havido na Fortaleza quem lhe abrisse as portas.

O General Bonaparte não se demorou em Malta senão o tempo necessário para tomar posse della, e organizar a sua administração e defeza.

Cinco dias depois déram de novo á vela, em direcção ao Egypto, e a 2 de Julho avistaram no horizonte as costas planas e arenosas daquelle nova terra da promissão. O desembarque effectuou-se de noute; o tempo estava tempestuoso, e o mar embravecido: assim mesmo, andou Eugénio levando ordens—num pequeno bote—a todos os navios, em risco de se despedaçar contra os grandes vasos de guerra, ou de se submergir nas vagas.

—No artigo immediato apontarèmos as demais recordações de Eugénio, com referencia á expedição do Egypto; e bem cremos que aos leitores será agradavel ouvir essas curiosas miudezas.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

## A SCIENCIA DA LINGUAGEM

### I

(Continuado de pag. 239)

Parece-nos tambem uma temeridade avançar que os antigos gregos eram indifferentes aos estudos das linguas estrangeiras.

Bem pelo contrario, muitas eram as circumstancias que os convidavam ao estudo d'ellas: o seu commercio, a sua politica, as suas colonias, as suas viagens, a sua curiosidade de historiadores, tão fortemente excitada desde o tempo de Herodoto, a fama de sciencia, de que gosavam na Grecia os povos do Oriente, finalmente, desde

Socrates, aquella immensa ambição de saber d'onde saíam quasi todas as sciencias que nós hoje cultivamos. Convencemo-nos de que os estudos grammaticaes não escaparam a este movimento geral dos espiritos, quando em Aristoteles achamos vestigios patentes d'isso e poucos annos depois os vemos florescentes em Alexandria.

O desmoronamento do mundo grego, que se seguiu á conquista macedonica e á expedição de Alexandre o Grande, longe de retardar este movimento, precipitou-o e concentrou-o em certas cidades, taes como Alexandria, Pergamo, Antiochia e Rhodes. No espaço de tempo comprehendido entre Alexandre e a conquista romana, os estudos grammaticaes tomaram um grande incremento. Foram duas as causas principaes que para isso contribuíram, os progressos das sciencias de observação e em geral do espirito scientifico na Grecia, e a aproximação de muitos povos e por consequencia de muitas linguas depois da conquista dos macedonios. Durante este periodo o espirito scientifico não se applicou exclusivamente á indagação e classificação dos phenomenos naturaes, dirigio tambem a attenção para o pensamento, para as obras da litteratura e das artes. Foi n'este tempo que se fizeram sobre os poemas de Homero e de Hesiodo aquelles grandes estudos criticos que deram em resultado os textos que nós possuímos. Este trabalho da critica, se foi, sem duvida, litterario, foi principalmente grammatical. Era, é verdade, grammatica applicada, mas isso prova que havia já n'aquelle tempo conhecimentos e regras estabelecidas. Quanto á outra causa que apontamos, a aproximação dos povos, operou ella com extrema energia por alguns seculos; é o periodo das traducções e do ensino publico, periodo que a muitos respeito se póde comparar com o nosso tempo. A fundação do Muséo d'Alexandria, centro de estudos como nunca houve outro, data d'esta época. O Muséo era um estabelecimento hellenico onde se professava em grego e para os gregos; mas o prodigioso desenvolvimento do commercio internacional chamava ali e a todas as outras cidades centraes já indicadas homens de todo o Oriente, e com elles os costumes, os trajes, as idéas, as religiões e as linguas. Aprendiam-se estas como elles estudavam o grego, e se elles possuíam alguma obra cujo conhecimento se julgava de grande importancia, passava-se da sua lingua para a hellenica. Foi assim que se compozeram a traducção grega da Biblia, chamada dos Setenta, e do Avesta, de Zoroastro, talvez irremediavelmente perdida para nós.

Sabemos que os estudos grammaticaes desenvolveram-se rapidamente no periodo alexandrino, mas tambem não ignoramos que elles tinham caminhado progressivamente, e que nem as regras nem os termos de grammatica foram creados d'um só jacto. Se a imprensa não existisse e se d'aqui a vinte seculos não se encontrasse, de todos os estudos dos ultimos sessenta annos, senão o tratado de chimica de Thénard ou o de Berzelius, poder-se-hia pensar então que elles tinham só por si creado a chimica e a sua nomenclatura, quando a verdade é que uma e outra são devidas aos trabalhos de muitos sabios. Sem attribuir a Zenodoto, primeiro bibliothecario de Alexandria, nem a Aristoteles, que vivèra com annos antes d'elle, a creação d'esta

ou d'aquella regra ou expressão grammatical, podemos comtudo affirmar que a grammatica tomou uma forma definitiva no periodo alexandrino. Com effeito, temos d'esse tempo um verdadeiro tratado de grammatica, composto por Diniz o Thracio, que fôra discipulo de Aristarcho, o celebre critico de Homero.

A contar d'esta época podemos seguir atravez da historia os estudos grammaticaes. Diz-se ter sido este mesmo Diniz quem os transportou a Roma no tempo de Pompeo e quem compoz para a mocidade romana a primeira grammatica practica da lingua grega. Todavia, julgamos que estes estudos já eram cultivados em Roma, não com um methodo tão perfeito, muito antes de Pompeo, porque encontramos homens celebres que, apesar de romanos, fallaram com pureza a lingua dos hellenos, a ponto de poderem pronunciar discursos n'esta lingua dirigidos aos proprios gregos: são exemplos d'isto Tiberio Graccho e o consul Flaminio. Sabe-se egualmente que a primeira historia romana foi escripta em grego por Fabio Pictor, dois seculos A. C. e que a contar dos Scipiões tornou-se geral na aristocracia romana a necessidade de estudar e de empregar a lingua grega. Apenas os romanos se acharam de posse d'uma verdadeira grammatica grega, o ensino das linguas principiou a professar-se do mesmo modo que hoje se professa entre nós. Traduziram-se litteralmente em latim os termos inventados pelos eruditos de Alexandria: viram-se assim apparecer os casos, os generos, as pessoas, as declinações e as conjugações, e muitas outras palavras cuja significação latina não se explica bem sem o auxilio do grego, d'onde foram traduzidas. Desta forma se constituiu o estudo empirico das linguas.

(Continua)

#### AS DEMASIAS DO ESPIRITO DE NACIONALIDADE

O immortal auctor das «Aventuras de Telemaco», o prelado virtuoso que honrou a França e o mundo admira, o escriptor que deixou nas lettras documentos de apurada erudição e fino gosto. — Fénelon, finalmente, costumava dizer: Devemos querer mais á nossa familia do que a nós proprios, á patria mais do que á familia, ao genero humano mais do que á nossa patria. (1)

Esta bella graduação de sentimentos corresponde, como observa um critico illustre, á famosa expressão de Cicero: *Caritas generis humani*.

É certamente da natureza das cousas, e a consciencia intima nos diz, que devemos amar os homens, seja qual fór a nação a que pertençam, ou o ponto do globo em que habitem, ou o situação diversa em que se encontrem. Milhares de vezes tem sido citado, e milhares de vezes será citado ainda o conceituoso verso de Terencio que exprimia um tal pensamento:

*Homo sum, humani nil á me alienum puto.*

Não é para inculcar aquelle impreterivel preceito que hoje traçamos estas breves linhas: de

(1) Devo observar que alterei um pouco a fórmula da expressão de Fénelon. — É assim concebida: — «J'aime mieux ma famille que moi-même; j'aime mieux ma patrie que ma famille; mais j'aime encore mieux le genre humain que ma patrie.» =

per si se sustenta e defende elle. Descêmos das alturas, e tomando as cousas como em realidade são no mundo, queremos apenas fazer notar o abuso, o excesso, o desvio do nobre sentimento do amor da patria, do espirito de nacionalidade, pretendendo restituir a este as feições que lhe são naturaes, e arredar as demasias, a que o vemos exposto em alguns paizes.

Para todas as almas bem formadas é suave e delicioso o sentimento do amor da patria. De todos os homens de são juizo é querida a terra do nascimento, á qual nos prendem tão estreitos vinculos, tão encantadas recordações, tão dóces atractivos, — e onde o amor natural para o dizermos na phrase de Vieira, costuma ancorar aquellas fortes e dóces raizes, que tão difficilmente se arrancam.

Sim, amêmos a nossa patria, amêmos a nação a que pertencemos; mas não tenhamos por isso em menospreço as demais nações da terra. Sim, consagrêmos á nossa patria os mais sentidos affectos, estimêmol-a profundamente; mas não exaggerêmos o nosso amor até ao ponto de o tornar desdenhoso, exclusivo, intolerante para com os demais povos.

Olhae para uma das principaes nações da Europa, grande pelo commercio, pela navegação, pela industria, pelas artes, e maiormente grande pela sua constituição organica — assente na feliz alliança de um poder vigoroso com a liberdade.

É incontestavelmente illustre e respeitavel essa nação, e a tal ponto, que não hesitariamos em a caracterisar de exemplar, de modelo, a muitos respeitos. Mas... ¿será acaso essa circumstancia, aliás tão valiosa, uma justificação do desmedido orgulho dos filhos d'essa nação, do desdem com que parece olharem para os restantes povos, do quasi desprezo em que se nos affigura terem as demais nacionalidades?

Olhae agora para outra das principaes nações da Europa, grande pela cultura das lettras, das sciencias e das artes; grande pelo poder, valor e pericia dos seus exercitos; grande pelo engenho brilhante, admiravel bom gosto, e notavel talento inventivo de seus filhos; grande pelos serviços que tem feito á causa da civilização; grande, por ser como que o coração e o fóco de luz de todo o mundo.

¿Quem ousaria recusar a essa nação o merecimento mais transcendente?... Mas, ¿poderá acaso esse merecimento justificar a infatuação dos filhos d'essa nação? Ainda ha pouco um critico judicioso d'aquelle paiz dizia, com louvavel isenção: «Decidido havemos, desde tempo immemorial, e por unanimidade de votos, que os nossos soldados e os nossos artistas eram os primeiros do universo, e que assim seria por todos os seculos vindouros. Este voto de confiança tem uma porção de bondade: não é fóra de conta que uma nação se estime e aprecie, ainda além do seu valor real; mas, cuidado... um gráo de infatuação ha, que é principio da decadencia.»

Conclusão. O espirito de nacionalidade, o amor da nação a que pertencemos, são sentimentos naturaes e nobres, que incessantemente devemos nutrir; mas é de rasão que ponhâmos todo o cuidado em que não se convertam em orgulho e sobranceria, não menos que em desdem vanglorioso. *Nequid nimis*.



Uma vista da cidade de Göttingue

Entre as cidades do Hanover, cita-se de preferência *Göttingue*, uma das cidades universitarias das mais celebres da Allemanha.

Possue esta cidade fabricas de estofos de lã e de cortumes; mas o que a torna sobretudo interessante, é a universidade, fundada em 1754, pelo rei Jorge II. É ali que a instrucção publica se

tem elevado a um tão subido grão de perfeição que faz honra ás luzes do fundador, e ao zelo e á instrucção dos professores, os quaes, em numero de quarenta e dois, são escolhidos entre os sabios mais notaveis de toda a Allemanha. Póde dizer-se que todas as sciencias são ali ensinadas com egual superioridade, e por isso quan-

tos homens celebres tem saído d'aquelle foco de luzes? Perto de seiscentos estudantes se inscrevem annualmente nos registros da matricula da universidade, que, para formar constantemente bons instituidores, tem sob a sua inspecção um estabelecimento conhecido com o nome de *Seminario philologico*. Tudo n'esta cidade contribue para facilitar os meios de instrucção: uma bibliotheca de mais de vinte mil volumes, formada com a de Leibnitz, que ali deixou os seus numerosos manuscriptos, e enriquecida todos os annos com obras uteis tanto ás artes como ás sciencias; uma bella colleção de quadros; um museo de historia natural; um jardim botanico; um amphitheatro anatomico; um gabinete de medalhas; um observatorio, rico de instrumentos de astronomia; emfim, uma academia real das sciencias, que conta no mundo sabio um grande numero de membros correspondentes, tudo isto são meios de incitamento para a mocidade estudiosa. Ajuntemos ainda que Göttingue, no interesse das suas relações commerciaes, possui escolas de commercio e industria.

Poderíamos ajuntar mais algumas noticias a respeito do Hanover em geral; mas não podemos tomar muito espaço n'este semanario, afim de dar cabida a outros artigos, por ventura mais uteis aos nossos leitores.

## OS ANNOS DA MINHA AVÓ

### XIV

#### Desenlace

(Continuado de pag. 240)

— «Ernesto! que me perdes! balbuciava Clementina, abafando os soluços com as lagrimas que embebia no lenço.

«Ergui-me arrastando-a comigo. Não encontrei resistencia; só ouvi com uma voz quasi extincta ciciar-me ao ouvido:

— «Sou tua! Dispõe de mim.

Levantei-me victorioso e louco de prazer. Beije Clementina com frenesi, e caminhava direito á porta quando o vulto hirto, frio e enregelado de minha avó me tolheu o passo.

Fiquei chumbado ao pavimento.

— «Onde vaes, libertino! bradou a voz tremula e senil d'aquella apparição solemne. Corres á perdição e arrastas comigo a innocencia? Foge de minha casa... mas foge só... Não! só não... leva para te acompanhar a minha maldição... e não voltes! Minha senhora! enxugue as lagrimas que lhe ficam mal e tornemos á sala, onde a sua ausencia póde ser reparada. Amanhã irei acompanhá-la a Torres, entregá-la ao seu marido. É o ultimo sacrificio que me exige a amizade de sua mãe. Que te detem ainda, filho reprobado? foge do lar paterno que polluiste; a tua presença é um ultrage aqui.

«A cegueira do meu amor ainda me fez erguer a cabeça, e, endereçando-me á mulher que acabava de me dar tão extremada prova de amor, disse-lhe em tom quasi supplicante.

— «Então... Clementina?

— «Entre nós está tudo acabado, replicou ella n'um tom secco, cuja frieza me enregelou o coração. A voz d'esta santa salvou-me do abysmo e senti o espirito de minha mãe nas suas palavras solemnes. Obedeço-lhe, minha senhora.

«Clementina tomou a mão de minha avó, beijou-lh'a freneticamente e convulsivamente, e soluçou com expansão. Minha avó afagou-a amigavelmente dizendo-lhe:

— «Vamos, o mau tempo passou. Entremos na sala.

«Clementina enxugou os olhos, ergueu a fronte, compoz o rosto e saiu d'aquella casa, dando o braço a minha avó, sem volver sequer para mim os olhos.

«Parece que o espirito gelado e frio d'aquella velha se contagiára, por influencia diabolica, á mulher no vigor da vida, que momentos antes eu vira delirante de paixão.

«Eu cruzei os braços e vi Clementina atravessar o corredor e entrar na sala, serena e quasi rissonha.

«Uma gargalhada infernal se me desdobrou cá no intimo, e, quebrando a fascinação que me prendia immovel alli, saí precipitadamente da casa onde nascêra, onde haviam decorrido os dias da minha infancia, onde minha mãe me inoculára com o primeiro beijo a rectidão do seu espirito e onde nascêra e morrêra aquelle amor.

«Vagueei toda a noite. Cerrára-se para mim até o derradeiro asylo da desgraça, o sanctuario da familia, o sacrario das recordações de infancia.

«Estava só no mundo!

«Na manhã seguinte entrei no meu quarto a compor o desalinho do meu traje, e mais ainda o desalinho do meu espirito.

«Encontrei a seguinte carta de minha avó:

«*Ernesto*. — Depois do teu indigno proceder de ves ausentar-te de Lisboa. O conselheiro hon-tem mesmo me offereceu um lugar para ti, na alfandega de Moçambique, onde com honra pódes fazer esquecer o mau procedimento que ti-veste. Dirige-te a elle para mais amplas explicações e Deus te fade melhor na tua nova vida. Sempre tenho para ti a benção de avó — *Marianna*.»

«Escuso dizer-te que rasguei indignado a carta e recusei a offerta que o *carinho* de minha avó me proporcionava.

«Parecia-me muito romantico o desenlace, e eu que acabára de ler, havia pouco, o mais primoroso dos romances do nosso suavissimo Pinheiro Chagas, não queria attingir as alturas sentimentaes, nem ser frouxa parodia do heroe da *Flor secca*.

«Por outro lado revoltava-se-me o espirito contra aquella sentença inflexivel e tyranica. Não merecia a pena de degredo perpetuo o meu crime, quando, se eu quizesse ter sido um pouco mais infame, seria tranquillamente o amante d'essa mulher.

«Sentia-me orgulhoso com o meu crime e era esse o unico lenitivo, para a grande dôr que me pungia no espirito.

«Unico lenitivo? Menti! Mais do que tudo me acalmava as dores de tal lance e me ensinava a altivez de uma resignação heroica e inflexivel, o reviramento do espirito d'aquella mulher incompreensivel, que, como a tremelga, despedia faiscas electricas sem se electrizar ella propria.

«Quero viver aqui! Quero asphyxiar na orgia o que resta d'este mal-extincto affecto. Não buscarei porém o esquecimento da embriaguez, nem

os delirios de tavolagem para suffocar os ultimos alentos do coração; quero-me embriagar na orgia dos sentimentos, entrar n'este perenne baile de mascaras, onde o vicio se occulta com o domínio da virtude, quero rir, do riso inextinguivel dos deuses de Homero, das falsas conveniencias sociaes, e tripudiar sobre as dores do coração, como outr'ora nos carnavaes de Roma a turba, ávida de prazer, ia brincar em derredor do cadafalso, que lhe dava o horrivel espectaculo de um supplicio!

«Mario sentado nas ruinas de Carthago, contemplo com tristeza o meu passado, até o submergir de todo nas aguas diluvianas da falsa existencia que convencionalmente vou adoptar.

«Se uma arca santa sobrenadar a esta total inundação da minha alma, será só para conservar intacta a amisade que te dedica o teu — *Ernesto.*»

## XV

## Triste desengano

«MINHA AMIGA. — Estou salva! Não era amor aquillo; era uma fascinação do espirito. Findou para sempre! Meu marido nem sequer se apercebeu da tempestade que lhe rugiu em torno, e o meu doce phantasma ergueu-se de novo da campa a acariciar-me, reconhecido, depois de tão cruel e longo esquecimento. Esta affeição sim que me não cresta as flores do coração, nem se arreceia das censuras da sociedade.

«Sou feliz em tel-o esquecido!

«Sinto-me orgulhosa da minha victoria! Não ha delirio de amor que valha a tranquillidade da consciencia e a serenidade do coração.

«Sempre tua — *Clementina.*»

## XVI

## Reverso da medalha

«CLEMENTINA. — Perdi-me por elle! Sinto-me orgulhosa da minha queda. O mundo e os seus falsos prejuizos não valem um minuto, só que seja, de verdadeiro amor.

«Oxalá que sejas tão feliz como se considera a tua — *Maria.*»

C. B.

## ALGUMAS CURIOSIDADES HISTORICAS E OUTRAS ACERCA DO COMMERCIO

## VII

Il est difficile qu'un pays n'ait des choses superflues, mais c'est la nature du commerce de rendre les choses superflues utiles, et les utiles nécessaires.

*Montesquieu. De l'espr. des lois. XX 22.*

Cette diversité des productions et des facultés productives est le lien qui unit les uns aux autres les habitants d'une même localité, la ville et la campagne, les provinces d'un même Etat, les différents peuples et jusqu'aux points du monde les plus éloignés.

*M. Henri Richelot. Dict. Gén. de la Pol. vb. — Commerce.*

Se fôsse permittido pôr em duvida a influencia poderôsa do commercio na riqueza e preponderancia das nações, bastaria que attentasemos na atilada ponderação de Carlos Quinto.

Estando o famoso imperador na côrte de França,

lembrou-se de inquirir em que consistia a força do rei d'aquelle bello paiz. Disséram-lhe que consistia em um avultado número de generosa nobreza, de homens valentes, de boas cidades, e de praças fortes. — Replicou que n'esse particular era elle mais poderôso do que o rei de França. — Mas, quando lhe observáram, que havia ainda outra fonte de força no reino, qual era a existencia de muitos ricos e distinctos negociantes, que commerciam por mar com os paizes estrangeiros, e podiam sem ruído proporcionar pelo seu crédito tantos milhões em numerário, quantos necessários fôsem a S. M. Christianissima: então confessou Carlos Quinto, que seria a a França o Estado mais poderôso do mundo, se bem conhecesse a sua força, e bem se governasse.

O auctor do *Ensaio sobre a Historia Universal* faz uma observação muito judiciôsa sobre as causas do poder da Inglaterra: = Todos os partidos que se formáram no seu seio, puritanos, independentes, presbyterianos, episcopaes, wigs, torys... todos contribuíram igualmente desde o reinado de Isabel para favorecêrem o commercio. O próprio parlamento, que fez cortar a cabeça ao seu rei, occupou-se grandemente de promover estabelecimentos marítimos. Fumegava ainda o sangue de Carlos I, quando esse parlamento, embôra quasi inteiramente composto de fanáticos, fez em 1650 o famoso *Acto de Navegação.* =

Trata-se do famoso Acto de Navegação, lei votada a 9 de outubro de 1651 — e não 1650 — pelo parlamento inglez durante a administração de Cromwell, com o fim de proteger e desenvolver a marinha ingleza, e maiormente — n'aquella época — de supplantar a marinha hollandeza. Felizmente, como observa M. Horn, o Acto de Navegação só pertence hoje ao domínio da Historia, pois que a lei de 26 de junho de 1849, que principiou a vigorar desde o 1.º de janeiro de 1850, revogou todas as leis e actos anteriores que restringiam a liberdade da navegação. A Inglaterra nada perdeu com a revogação das leis restrictivas da navegação: antes, pelo contrario, a sua marinha mercante e a de guerra tem prosperado cada vez mais.

É admiravel de energia e de verdade o seguinte pensamento de Bolingbroke: = O commercio deu-nos as riquezas, as riquezas dêram-nos o poder, e o poder elevou a nossa ilha a ponto de a collocar na posição de fazer frente á França. =

Montesquieu penetrou profundamente a verdade que Bolingbroke expôz, — e, com a concisão muito caracteristica do seu estylo, disse no cap. VII do liv. XX o seguinte: = Outras nações hão subordinado os interesses do commercio aos interesses polticos; a Inglaterra, porém, subordinou os interesses polticos aos interesses do seu commercio... É o povo que melhor tem sabido aproveitar-se d'estas tres grandes cousas: a religião, o commercio, e a liberdade. =

— O commercio, em principio, — o commercio, na sua essencia, não deve ser confundido com a especulação, nem com a agiotagem; não deve carregar, no conceito público, com a imputação de improductivo, nem com a responsabilidade das desordens que resultam dos privilégios, dos monopólios e do systema mercantil. — Da confusão de responsabilidades proveiu um certo con-

ceito de rapacidade, que o tornou odioso, ou desprezível.

Tão pouco devem ser lançados á conta do commercio os actos de rapina, que por mar e por terra hão sido commettidos, — nem as guerras assoladoras, que destruíram capitaes e homens, — nem as oppressões mil que os povos hão soffrido. — O commercio fica tão puro n'esses males, como a industria e a agricultura; é apenas uma occasião, ou antes um pretexto das atrocidades da maldade humana. Se os portuguezes, observa M. Leymarie, commettêram tantas atrocidades nas Indias occidentaes, — se os inglezes trazem á lembrança essas mesmas atrocidades, duzentos annos depois, pelo que hão praticado nas Indias orientaes: note-se bem, não succedeu isso pelo facto de um e outro povo terem exercitado o commercio n'aquellas diversas regiões. O commercio é uma occupação pacifica, e em si mesma nada tem de commum com a intolerancia, com o fanatismo, com os excessos da avidez, com as disposições ferozes e sanguinárias.

— O commercio acrescenta um valor real aos productos sobre que opéra. Porquê? porque lhes dá uma certa feição que elles não tinham, e lhes communica uma utilidade nova que não possuíam.

A industria transforma a matéria no interesse da humanidade; por quanto as transformações por ella effectuadas tendem a satisfazer as necessidades e os gostos dos homens. O commercio toma á sua conta espalhar, diffundir, fazer chegar a toda a parte a matéria transformada nos seus diversos estados de utilidade.

O commercio foi o primeiro a reconhecer, o primeiro a revelar as vantagens da liberdade no exercicio da industria agricola e da industria fabril, tanto como no exercicio d'elle próprio. Quando as duas industrias pediam ainda o monopólio, o privilégio, já o commercio pugnava pelo direito commum, pelo systema livre do trabalho, do tráfico, do giro.

A ninguém é necessario já hoje dizer que o commercio internacional liga cada vez mais estreitamente os povos, pela multiplicidade das transacções, das trocas. Se é um ideal — que o género humano chegue a formar uma só familia, — nem por isso deixa de ser uma obrigação impreterível dos homens o diligenciarem avizinhar-se cada vez mais d'esse termo. O que já se conseguiu, é uma fiança do futuro, e ao mesmo tempo um incentivo para se proseguir n'esse empenho.

— Se em uma só phrase quizessemos assignalar os beneficios que ao commercio devem as sciencias, só teriamos que repetir o que tantas vezes tem sido dito: a bússola, as letras de cambio, a mecânica maritima, e os processos do crédito, dão testemunho do serviço que o commercio fez á sociedade; e não menos lhe são devidoras as sciencias naturaes, bem coma a historia e a geographia.

— É muito curioso o quadro que M. Henri Richelot delineou das condições que a natureza offereceu ao homem para facilitar e tornar próspero o commercio.

A natureza, não só repartiu os seus dons entre os diversos paizes, como um imán irresistível que atráe os seus habitantes — uns para os ou-

tros —; mas distribuiu a terra e a agua, no globo que habitamos, de um modo que facilita e provoca as communicacões. Dispôz as ilhas em certos mares como annéis de uma cadeia; regulou as correntes; dos continentes destacou as penínsulas, formou istmos, e abriu caminhos atravez do interior — cavando o leito dos rios e das ribeiras; semeou de oasis os seus desertos, e preparou no littoral angras e portos. Creou vehiculos vivos, o boi, o burro, o cavallo e o camélo. Dotou de gosto e de aptidão, mui particulares, para o negocio certas raças humanas, a raça semítica, por exemplo, que forneceu os Phenícios, os Carthaginezes, os Arabes e os Judeus; e convidou, forçou até ao commercio e á navegacão os habitantes das margens dos rios e dos mares. (1)

Mas esses dons da natureza ficariam estéreis, se a actividade humana os não aproveitasse com discrição e á força de bem encaminhada vontade.

E aqui vem a propósito fazer sentir o quanto a actividade humana, allumiada pela intelligencia, e afervorada pelo amor do trabalho, alarga e aperfeicoa as vantagens naturaes. A produccão da riqueza não é partilha exclusiva do mais bello clima, do solo mais fértil: sem fallar da região da Asia occidental, ainda hoje magnifica pela natureza, — basta considerar que os nevoeiros da Inglaterra levam vantagem ao brilhante sol da Hespanha, no que respeita á indicada produccão de riqueza.

«O homem civilisado, diz o mesmo escriptor, tira riquezas do solo mais ingrato; acumula thesouros sobre um rochedo, nas lagunas, nos pantanos que obstinadamente disputa ao mar; transplanta do occidente para o oriente da Asia a vinha, o bicho da séda, e convérte em artigos consideráveis do commercio europeu o vinho e a séda; abre estradas e canaes; excava caldeiras e dócas; afronta os gélos do polo e os fogos dos trópicos; com a bússola e com a véla, atravessa destemido os oceãos; com o vapor, com os caminhos de ferro, com a telegraphia eléctrica supprime o tempo e o espaço.»

— Mas, para que o commercio floresça, duas condições são indispensaveis na ordem moral, a seguridade do commerciante, e a liberdade.

Occasião teremos de tocar estes pontos em algum dos artigos immediatos.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### PERSEVERANÇA DO GENIO

O que distingue particularmente o homem de genio, é esta impulsão secreta que o arrasta, a seu pesar, para os objectos de estudo e de applicação, os mais proprios a exercer a actividade da sua alma e a energia das suas faculdades intellectuaes. É uma especie de instincto que força alguma póde sujeitar, e que se exalta ao contrario pelos obstaculos que se oppõem ao seu desenvolvimento.

O espirito cede; o genio obstina-se.

Um poeta disse:

«Perseverança tudo obtem.»

(1) M. Henri Richelot. *Dict. Univ. de la Politique, vb, Commerce.*